

# Gênero e outras variáveis que influenciam na procrastinação acadêmica

*Gender and other variables that influence academic procrastination*

PATRICIA SOMERS\*



**RESUMO** – A procrastinação acadêmica é um grande problema para estudantes universitários, especialmente nos Estados Unidos. Este artigo discute teorias de motivação e analisa a investigação sobre os fatores, incluindo gênero e cultura, que podem influenciar na procrastinação. Um conjunto abrangente e comparativo de estudos é recomendado.

**Descritores** – Procrastinação acadêmica; gênero; teorias de motivação; estudantes universitários.

**ABSTRACT** – Academic procrastination is a large problem for college students, especially in the United States. This article discusses theories of motivation and reviews the research on the factors, including gender and culture, that can influence procrastination. A more comprehensive and comparative set of studies are recommended.

**Key words** – Academic procrastination; gender; theories of motivation; college students.

## INTRODUÇÃO

Mais de 70% dos estudantes universitários dos EUA indicam que regularmente procrastinam seus estudos e 20% o fazem habitualmente (SCHOUWENBURG, 1995). Surpreendentemente, a procrastinação ocorre mais entre estudantes de alta capacidade do que entre os de capacidade mais baixa. Destaca-se ainda o fato de que a procrastinação aumenta à medida que os estudantes avançam em sua carreira universitária. Além disso, o “sucesso da procrastinação entre os estudantes universitários pode ter um pequeno impacto sobre a *performance*, ou talvez possa ser adaptável, porque permite que as pessoas atinjam um nível de fluxo sustentável e uma melhor utilização dos tempos de estudo”, para Schraw, Wadkins e Olafson, (2007, p. 12) (consultar também BRINTHAUPT e SHIN, 2001; CSIKSZENTMIHAYLI, 1990; SOMMER, 1990; TULLIER, 2000).

Este artigo revê a literatura acadêmica sobre a procrastinação. O texto inicia com uma discussão sobre um tema mais amplo da motivação das teorias acadêmicas e analisa os fatores incluindo o gênero que influenciam a procrastinação acadêmica, abordando o problema numa perspectiva ampla e global.

## TEORIAS SOBRE MOTIVAÇÃO ACADÊMICA

Vários pesquisadores estudaram a motivação acadêmica, responsável por incentivar os estudantes a completarem suas tarefas. Enquanto algumas pesquisas centram-se na investigação das transições acadêmicas anteriores à universidade (SANCHEZ; COLON e ESPARZA, 2005; GROUZET; OTIS e PELLETIER, 2006), muitos estudos estão focados na motivação dos estudantes universitários. Com a flexibilidade das tarefas universitárias e as atividades concorrentes fora de sala de aula, o ambiente descontraído da universidade oferece aos alunos mais oportunidades de procrastinar, caso isto seja de fato procrastinação acadêmica e não apenas o resultado das mudanças ocorridas no ambiente universitário.

Os estudos atuais sugerem que a motivação tenha elementos individuais e contextuais (BANDURA, 1997; HARDRE et al., 2007; PINTRICH e SCHIRAK, 1996). Segundo a teoria das metas, as metas dos estudantes universitários influenciam tanto na qualidade do esforço e quanto no envolvimento do aluno na tarefa. Essa motivação é individual. Além disso, os aspectos do clima da sala de aula (habilidade do professor, conteúdo, peda-

\* Associate Professor, University of Texas at Austin – USA. E-mail: <pasomers@mail.utexas.edu>.

Tradução: Rosalir Viebrantz, Doutoranda – PUCRS. E-mail: <rviebrantz@hotmail.com>.

Artigo recebido em: outubro/2007. Aprovado em: dezembro/2007.

gogia), as variáveis situacionais, também influenciam a motivação (AMES e ARCHER, 1988).

Outra visão utilizada nos estudos acadêmicos é a da teoria do desenvolvimento. A transição do ensino médio para a universidade envolve inúmeras tarefas de desenvolvimento. Essa teoria engloba desde o desenvolvimento cognitivo, o processo de separação dos pais, a etapa de socialização, até a busca de uma carreira, como citado por Perry et al. (2001). Rothbaum et al. (1982), teorizam que, na transição para universidade, o controle da percepção sobre o desenvolvimento das atividades é fomentado pela mudança de ambiente (o principal mecanismo de controle), ou psicologicamente, adaptando-se ao ambiente (controle secundário). Denominam tal mudança de “modelo de processo duplo” e, para medir as alterações psicológicas, desenvolveram uma escala de controle acadêmico secundário (HALL et al., 2006; ROTHBAUM et al., 1982).

O “*Big Five*”, teoria da personalidade, conforme JOHN (1990); McCRAE e COSTA (1987); WIGGINS e TRAPNELL (1977), propõe o agrupamento de muitos traços da personalidade, ações e perspectivas teóricas de investigação de muitas teorias dentro de psicologia. De igual modo, Marsh, Craven, Hinkley e Debus (2003) sugerem a construção de duas motivações: desempenho e aprendizagem, as quais compõem a “*Big Two Factor Theory of Academic Motivation*”. A teoria “*Big Two*” da Motivação Acadêmica utiliza o índice de orientação motivacional como medida. Além da “*Big Two*”, os “*Big Five*”, traços da personalidade, são também abordados no índice de motivação acadêmica (COKLEY, BERNARD, CUNNINGHAM e MOTOIKE, 2001; GROUZET, OTIS e PELLETIER, 2006; FAIRCHILD, HORST, FINNEY e BARRON, 2005). O AMI (*índice de motivação acadêmica*) mede a motivação extrínseca, motivação intrínseca e a desmotivação dos comportamentos e escolhas. Schraw, Olafson e Wadkins (2007) indicam os limites dos instrumentos existentes para medir procrastinação acadêmica. Esses instrumentos de medida variam entre dois, três e quatro componentes de procrastinação. No entanto, não há clareza de quantos componentes são medidos pelos instrumentos, ou se a procrastinação é totalmente explicada pelos instrumentos.

## INVESTIGAÇÃO ACADÊMICA SOBRE PROCRASTINAÇÃO

### Teorias cognitiva e comportamental da procrastinação

Ferrari, Johnson e McCowan (1995) identificam três tipos de teorias cognitivas e comportamentais. A primeira, denominada crenças irracionais (ELLIS e KNAUS, 1977), refere-se a procrastinadores que duvi-

dam de suas habilidades. Falhas são esperadas porque as suas normas são demasiadamente elevadas, o que origina uma desculpa inevitável para os pobres resultados.

Em segundo lugar, estudos de controle da legitimidade têm produzido resultados mistos. Vários investigadores (AITKEN, 1982; BRINDY, 1980; FERRARI et al., 1992; TAYLOR, 1979) não encontraram uma relação significativa entre os procrastinadores. Powers (1985) descobriu que a legitimidade do controle interno foi superior em procrastinadores. Além disso, Rothblum et al. (1986) relacionam a elevada procrastinação com a convicção de que ela está ligada aos sucessos acadêmicos externos e a fatores instáveis.

Em terceiro lugar está o perfeccionista irracional, o qual está associado à procrastinação acadêmica (BARKA e YUEN, 1983; ELLIS e KRAUS, 1977; FERRARI, 1992b). Hammack (1978, p. 32) constatou que os procrastinadores neuróticos desviam seus trabalhos acadêmicos; “a idéia de começar algo ou tentar alcançar uma meta os atormenta, porque são tão fortemente impulsionados pela sua necessidade de perfeição”. A atividade paralisa e afeta a capacidade de trabalho, podendo ser causada pelo perfeccionismo (HOLLENDER, 1965).

### Teorias temperamentais e psicológicas

A investigação sobre capacidade e procrastinação é mista. Vários estudos (BLATT & QUINLAN, 1967; NEWMAN, BALL, YOUNG, SMITH e PURTLE, 1974; ROSATI, 1975; TAYLOR, 1979) não encontram diferenças significativas na grade de análise, entre os procrastinadores em comparação aos não-procrastinadores. Morris, Surber e Bijou (1978) e Aitken (1982) descobriram que os procrastinadores são melhores alunos, o que levou à hipótese de que os alunos mais capazes executam a maior parte do seu trabalho acadêmico na última hora e atendendo ainda aos requisitos estabelecidos pelo professor para sua entrega.

Aitken (1982) relata uma correlação entre a procrastinação e impulsividade para estudantes universitários. Segundo a autora, a explicação para essas diferenças pode estar na espontaneidade da vida universitária. Cerca de trinta por cento dos estudantes universitários planejam o tempo de lazer; as demais atividades são conduzidas espontaneamente e conciliadas com o estudo (SCHRAW; WADKINS e OLAFSON, 2007).

Vários estudos relacionam procrastinação e conscienciosidade, uma das “*Big Five*”, traços de personalidade (COSTA e McCRAE, 1989). Ferrari, Johnson e McCowan (1995, p.14) caracterizam não-conscienciosidade como falta de autodisciplina e ordem.

### Variáveis socioafetivas

Schraw, Wadkins e Olafson (2007) identificam uma série de variáveis sociais e afetivas que influenciam a

procrastinação. O líder na lista é o medo do fracasso, normalmente definido como avaliação ou teste de ansiedade. De acordo com Rothblum (1990), os alunos com um grande receio ao fracasso experimentam a ansiedade quando um prazo acadêmico expira e, para reduzi-la, evitam a tarefa acadêmica.

Estudantes universitários indicaram o medo de insucesso acadêmico como uma razão para procrastinação acadêmica (SOLOMON e ROTHBLUM, 1984; SCHOUWENBERG, 1992a). Para salvar a sua auto-estima, esses mesmos alunos podem encontrar, ainda, uma desculpa irracional para a procrastinação, como um programa especial na televisão ou uma festa.

Hermans (1976) constatou que apenas altos níveis do traço da procrastinação e o alto receio de um fracasso foram correlacionados fortemente; a correlação foi inexistente para os alunos com nível baixo ou médio de procrastinação. Rothblum (1990) estima que 6 a 14% dos estudantes procrastinadores têm um elevado receio de um fracasso, mas para a maioria dos procrastinadores esse medo não é a principal motivação para o seu comportamento.

Ferrari, Johnson e McCowan (1995) identificaram duas categorias de procrastinadores; estudantes com receio de fracasso e estudantes com atividades desagradáveis. Além disso, a procrastinação foi associada à baixa auto-estima, maior ansiedade e depressão (BESWICK, et al., 1988).

Apesar das ligações entre procrastinação e adaptações psicológicas, as questões de medidas possuem problemas (FERRARI; JOHNSON e MCCOWAN, 1995; NICHOLLS; LUHT e PEARL, 1982). Como resultado Ferrari et al. (1995) fizeram uma série de estudos utilizando medidas de procrastinação que não incluíam questões específicas sobre ansiedade ou depressão. Com menos medidas desfavoráveis, descobriram que a procrastinação foi associada a desassossego e depressão. Respectivas medidas mostraram níveis de ansiedade e depressão em testes para homens e mulheres, embora Milgram, Srolloff, Rosenbaum et al. (1988) tenham constatado que a procrastinação é negativa e associada como satisfação à vida para os homens e não para as mulheres. Ferrari et al. (1995, p. 141) concluíram que “procrastinação está associada positivamente com níveis mais elevados de depressão e preocupação na avaliação de situações”.

### Aspectos adaptativos da procrastinação

Schraw, Wadkins e Olafson (2007) prevêem que resultados de acadêmicos mal adaptados estão no  $r = -.10$  e  $-.30$  gama. Todavia, uma série de aspectos adaptativos de procrastinação foi investigada. Lay, Edwards, Parker e Endler (1989) descobriram que os procrastinadores tiveram um maior desafio no “pico” da

experiência prévia aos exames. Sommer (1990) e Vacha e McBride (1993) ligaram a procrastinação com a preparação para os exames. Segundo Sommer (1990), os alunos que estudaram para os exames superaram os outros alunos porque utilizaram mais estratégias para estudar. Concluindo, assim, que os estudantes que preparam os exames organizaram seus estudos mais eficazmente. Brinthaupt e Shin (2001) argumentaram que preparando os exames aumenta o desafio e causa o elevado desempenho dos alunos.

### Gênero e procrastinação acadêmica

Os estudos sobre gênero e procrastinadores têm demonstrado resultados conflitantes em relação a estudantes universitários, enquanto que os resultados para os estudantes do ensino médio são mais consistentes. Grouzet, Otis e Pelletier (2006) estudaram motivação acadêmica utilizando o AMS (*Academic Motivation Scale*), ao longo de um período de três anos, com uma escala entre 8 a 10. Com a pesquisa, esses autores descobriram que as mulheres jovens redefiniam a motivação durante o período do estudo. Segundo eles, as mulheres jovens amadurecem mais cedo em relação à motivação. Embora no início as mulheres tenham obtido uma pontuação mais heterogênea, no grau 9, houve a mudança para uma pontuação mais homogênea, sobre motivação e controle externo, no grau 11. Nos rapazes jovens, por outro lado, não foram observadas mudanças semelhantes. Os investigadores acreditam que rapazes adolescentes podem desenvolver posteriormente os aspectos do desenvolvimento psicológico relacionados com motivação.

Pychl, Coplan e Reid (2002) exploraram a procrastinação acadêmica em adolescentes do sexo masculino e feminino, entre 13-15 anos de idade, em relação aos efeitos do gênero, do estilo familiar e da auto-estima. Para as mulheres jovens somente foram significativas as interações entre estilo familiar, auto-estima e procrastinação. Os efeitos do autoritarismo e da autoridade (em comparação com o permissivo) familiar foram mediados pela auto-estima, mas a relação familiar paterna teve um efeito direto sobre a procrastinação. Os autores detectaram que o estilo familiar materno prevê a auto-estima em suas filhas, que, por sua vez, prognosticou a procrastinação, enquanto pais tiveram um efeito direto sobre a procrastinação, mesmo depois do controle da auto-estima.

Ferrari e Olivette (1993) estudaram o efeito de controle familiar sobre a indecisão nas estudantes universitárias. A autoridade dos progenitores de cada estudante foi avaliada como autoritária ou permissiva, avaliando-se também sua própria procrastinação. Quando ambos os pais eram avaliados como muito autoritários, as filhas foram significativamente mais propensas a ter

indecisão do que as alunas que tinham pais menos autoritários. No entanto, não se observam significativas diferenças nas estudantes ao se referir as próprias decisões, não sendo possível identificar se os pais eram autoritários ou permissivos. Os dados mostraram que as características da autoridade familiar inflexível influenciam na indecisão de suas filhas. Os autores sugerem, ainda, que uma investigação semelhante seja realizada utilizando uma amostra de estudantes do sexo masculino.

Owens e Newbegin (2000) estudaram a procrastinação acadêmica dos estudantes adolescentes no que se refere às disciplinas de Inglês e Matemática. Notas baixas em Matemática causaram grande impacto na auto-estima e na procrastinação dos estudantes adolescentes (tanto do sexo feminino e quanto do masculino). Elevadas procrastinações em estudantes de Inglês provocaram baixa auto-estima escolar e baixa auto-estima verbal. Para as meninas, a baixa auto-estima escolar levou à procrastinação em Inglês. Ao contrário dos rapazes, os indicadores direcionais sugerem que as atitudes das meninas alteraram seu comportamento. Além disso, a depressão das meninas afetou sua procrastinação em Inglês quando os seus graus de auto-estima estavam baixos. A cadeia complexa de causalidade neste estudo sugere a dificuldade em identificar as causas e os efeitos relacionados com a procrastinação acadêmica.

O último estudo de Webb, Moore, Rhatigan e Stewart e Getz (2007), sobre procrastinação e gênero no ensino médio, examinou os efeitos imediatos do álcool, atribuindo ao uso dessa substância o desvio de comportamento de homens e mulheres jovens. O comportamento desajustado foi associado com pensamentos depressivos em ambos os gêneros, no entanto foi percebido um efeito maior nas mulheres. A relação entre a comunicação na família e procrastinação foi mediada pelo relacionamento com os pares entre os adolescentes masculinos e femininos. De modo particular, os autores perceberam a diminuição de comportamentos e envolvimento desviantes em mulheres jovens.

Flett, Blankenstein e Hewitt (1996) conduziram um dos muitos estudos que não encontraram relação entre gênero e procrastinação. Os resultados mostraram que a procrastinação estava correlacionada com um componente de preocupação, ansiedade e depressão. Um teste manifestou que a ansiedade nos exames foi associada à procrastinação em graus semelhantes em homens e mulheres. A procrastinação foi igualmente correlacionada com depressão em homens e mulheres. Ferrari (1992a, 1992b) encontrou resultados semelhantes. Todavia, Milgram, Sroloff e Rosenbaum (1988) descobriram que a procrastinação foi negativamente associada à satisfação da vida para os homens, mas não para as mulheres.

Ferrari (1991) estudou a desvantagem crônica. Descobriu que procrastinadores eram mais susceptíveis do que os não-procrastinadores a ouvir grandes rumores, enquanto concluíam uma tarefa como, por exemplo, estudar com o ruído de fundo de uma televisão ou rádio.

Vários pesquisadores (BERGLAS e JONES, 1978; HARRIS, SNYDER, HIGGINS e SCHRAG, 1986; TUCKER, VUCHINICH e SOBELL, 1981) sugeriram que o nível de envolvimento do ego dos alunos resultou em autodesvantagem nas diferenças por gênero. Isto é, as mulheres eram mais envolvidas em egos-sociais na avaliação e os homens foram mais envolvidos no ego-intelectual na avaliação das atividades; os grupos com ego mais envolvente autoprejudicaram seu desempenho na avaliação. Os homens tendem a desvantagens comportamentais, como drogas e álcool, enquanto as mulheres possuem desvantagens como: ansiedade nos exames, sintomas físicos ou um trauma na vida (DEGREE e SNYDER, 1985; HARRIS, SNYDER, HIGGINS e SCHRAG, 1986; SMITH, SNYDER e HANDELSMAN, 1982; SMITH, SNYDER e PERKINS, 1983). Além disso, Bordini, Tucker, Vuchinich e Rudd (1986) sugerem que as mulheres rejeitam desvantagens comportamental-sociais por causa do estigma associado a escolhas de drogas e álcool.

Meyer (2000) forneceu a 180 estudantes a versão de um teste de inteligência (solúvel e insolúvel) resolvida e não resolvida. Aos alunos foram dados falsos comentários sobre sua aprovação no teste e foram advertidos de que, para o posterior teste, podia (ou não podia) ser vantajoso procrastinar, programando o teste. Os homens incapacitados na própria condição de sucesso “resolveram” o teste não-resolvido (insolúvel) e as mulheres incapacitadas em não obter fracasso falharam no teste insolúvel (não resolvido).

Meyer (2000) sugere várias explicações para esta autodesvantagem. Primeiro, as mulheres atribuem o sucesso ou fracasso à baixa capacidade, enquanto homens atribuem o seu sucesso à capacidade. Em segundo lugar, as mulheres poderão maximizar seu *feedback* negativo devido ao receio de sucesso (HORNER, 1972). Na verdade, o medo da correlação entre sucesso e fracasso foi mais elevado para as mulheres do que para os homens (MULIG, 1985).

Baker (2003) realizou, junto a uma universidade na Inglaterra num período de três anos, estudos para explorar a relação entre resolver problemas sociais e a adaptação na universidade como saúde, motivação e desempenho. A autora encontrou diferenças de gênero na percepção de níveis estresse na autodeterminação e desempenho acadêmico; as mulheres tinham pontuações mais elevadas do que os homens sobre as três medidas. Sugere treinamentos na solução efetiva dos problemas como um meio de reduzir o estresse dos estudantes.

Haycock, McCarthy e Skay (1998) examinaram a auto-eficácia e a ansiedade nos estudantes universitários. A procrastinação foi inversamente relacionada ao estado e aos traços de ansiedade. Nem a idade nem o gênero foram significativos. Os autores sugerem que quaisquer intervenções de procrastinação incluem um componente cognitivo, como a auto-eficácia.

### Plágio e procrastinação

Dois estudos examinaram se a procrastinação afeta o plágio. Roig e De Tommasso (1995) constataram que as correlações entre plágio e procrastinação foram relativamente baixas. Os dados sugerem uma associação entre as pontuações elevadas em procrastinação e plágio. Além disso, os estudantes têm dificuldade em identificar adequadamente as citações ou referenciar as idéias de outros autores. Ferrari e Beck (1998) estudaram as desculpas fraudulentas utilizadas por procrastinadores. Os alunos empregavam desculpas legítimas e fraudulentas para explicar o atraso na entrega de seus trabalhos. A desculpa fraudulenta mais popular era a de doença. Embora os procrastinadores se sentissem bem em suas desculpas fraudulentas, antes de utilizá-las, antes, durante e depois, experimentavam a culpa e o pesar.

### Procrastinação no contexto internacional

Haycock, McCarthy e Skay (1998, p.317) argumentam que nos EUA a sociedade, a produtividade... [é uma] norma de alto valor. Procrastinação, ou fracasso de obter coisas de forma conveniente, viola diretamente estas normas.

Na verdade, a maior parte da investigação a respeito de procrastinação teve como foco estudantes de 18 a 22 anos, e alunos das universidades ocidentais. Por exemplo, Pang e Schtheiss fizeram estudos sobre os EUA e a Alemanha; Baker's (2003) examinou a procrastinação na Inglaterra; Cokley, Bernard, Cunningham e Motoike's (2001) pesquisaram sobre os estudantes nos EUA, bem como fizeram estudos em universidades canadenses; os investigadores Ratelle, Guay, Larose e Senecol (2004) e Hall, Perry, Ruthing, Hladkyk e Chippified (2006).

Na conferência nacional em Roehampton, na Inglaterra em 2005, conversou-se sobre documentos acadêmicos de procrastinação na Austrália, Inglaterra, Peru, Espanha, EUA e Venezuela. A professora Karem Diaz, da Pontifícia Universidade do Peru, ressaltou a diferença na definição de "estar no tempo" em seu país, em comparação ao que é utilizado nos Estados Unidos. Quando começou a discussão sobre a procrastinação acadêmica, os estudantes universitários no Peru estavam tão pouco familiarizados com o termo, que acreditavam referir-se a um comportamento sexual (HOOVER, 2005).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A procrastinação acadêmica dos estudantes universitários nos EUA é um grande problema, mais de 70% regularmente procrastinam em seus estudos. Seguem o mesmo caminho também os alunos da Inglaterra, Alemanha, Austrália. O alto índice de procrastinação suscita um grande problema para o aprofundamento dos estudos quantitativos e qualitativos. Em particular, atualmente, é necessária uma profunda investigação que incida sobre as diferenças culturais e de gênero, como também busque formas de atenuar a procrastinação.

## REFERÊNCIAS

- AITKEN, M. **A personality profile of the College Student Procrastinator**. Unpublished doctoral dissertation. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh, 1982.
- AKOS, P.; GALASSI, J. P. Gender and race as variables in psychosocial adjustment to middle and high school. **The Journal of Educational Research**, v. 98, n. 2, p. 102-108, 2004.
- AMES, C.; ARCHER, J. Achievement goals in the classroom: student learning strategies and motivation processes. **Journal of Education Psychology**, n. 80, p. 260-267, 1998.
- BAKER, S. R. A prospective longitudinal investigation of social problem-solving appraisals on adjustment to university, stress, health, and academic motivation and performance. **Personality and Individual Differences**, v. 35, n. 3, p. 569-591, 2003.
- BANDURA, A. **Self-efficacy: the exercise of control**. New York: Freeman, 1997.
- BERGLAS, S.; JONES, E. E. Drug choice as a self-handicapping strategy in response to noncontingent success. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 36, n. 4, p. 405-417, 1978.
- BESWICK, C., ROTHBLUM, E. D.; MANN, L. Psychological antecedents of student procrastination. **Australian Psychologist**, n. 23, p. 207-217, 1988.
- BLATT, S. J.; QUINLAN, P. Punctual and procrastinating students: a study of temporal parameters. **Journal of Consulting Psychology**, n. 31, p. 169-174, 1967.
- BORDINI, E. J.; TUCKER, J. A.; VUCHINICH, R. E.; RUDD, E. J. Alcohol consumption as a self-handicapping strategy in women. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 95, n. 4, p. 346-349, 1986.
- BRINTHAUPT, T. M.; SHIN, C. M. The relationship of cramming to academic flow. **College Student Journal**, v. 35, n. 3, p. 457-472, 2001.
- BRIORDY, R. An exploratory study of procrastination. **Dissertation Abstracts International**, v. 41, n. 2a, p. 590-599, 1980.
- BURKA, J. B.; YUEN, L. M. **Procrastination: Why you do it and what to do about it**. Reading, PA: Addison Wesley, 1983.
- COKLEY, K.O.; BERNARD, N.; CUNNINGHAM, D.; MOTOIKE, J. A Psychometric investigation of the academic motivation scale using a united states sample. **Measurement**

- & Evaluation in Counseling & Development**, v. 34, n. 2, p. 109-119, 2001.
- COSTA, P.T., Jr.; McCRAE, R. R. **The NEO-PI/NEO-FFI Manual Supplement**. Oledssa, FL: Psychological Assessment Resources, 1989.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow: the psychology of optimal experience**. New York: HarperCollins, 1990.
- DEGREE, C. E.; SNYDER, C. R. Adler's psychology (of use) today: Personal history of traumatic life events as a self-handicapping strategy. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 48, p. 1512-1519, 1985.
- ELLIS, A.; KNAUS, W. J. **Overcoming procrastination**. New York: Institute for Rational Living, 1977.
- FAIRCHILD, A. J.; HORST, S. J.; FINNEY, S. J.; BARRON, K. E. Evaluating Existing and New Validity Evidence for the Academic Motivation Scale. **Contemporary Educational Psychology**, n. 30, p. 331- 358, 2005.
- FERRARI, J. R. Self-Handicapping by Procrastinators: Protecting Self-Esteem, Social-Esteem, or both? **Journal of Research in Personality**, n. 3, v. 25, p. 245- 261, 1991a.
- \_\_\_\_\_. Procrastinators and perfect behavior: an explanatory factor analysis of self-presentation, self-awareness, and self-handicapping components. **Journal of Research in Personality**, n. 4, v. 25, p. 75-84, 1991b.
- \_\_\_\_\_. Procrastination in the workplace. Attributions for failure among individuals with similar behavioral tendencies. **Personality & Individual Differences**, n. 13, p. 315-319, 1992.
- ferrari, j. r.; beck, b. l. affective responses before and after fraudulent excuses by academic procrastinators. **Education**, v. 118, n. 4, p. 529-537, 1998.
- FERRARI, J. R.; JOHNSON, J. L.; McCOWN, W. G. (1995). Procrastination research: a synopsis of existing research perspectives. In: **Procrastination and task avoidance: Theory, research and treatment**. New York: Plenum Press, 1995. p. 21-46.
- FERRARI, J. R.; McCOWN, W.; JOHNSON, J. **Procrastination and task avoidance: Theory, research and treatment**. New York: Plenum Press, 1995.
- FERRARI, J. R.; PARKER, J. T.; WARE, C. B. Academic procrastination: personality correlates with the Myers-Briggs types, self-efficacy, and academic locus of control. **Journal of Social Behavior & Personality**, n. 7, p. 495-502, 1992.
- FLETT, G. L.; BLANKENSTEIN, K. R.; HEWITT, P. L. Perfectionism, affect, and test performance in college students. **Journal of College Student Development**, 1996.
- GROUZET, F. M. E.; OTIS, N.; PELLETIER, L. G. Longitudinal cross-gender factorial invariance of the academic motivation scale. **Structural Equation Modeling**, v. 13, n. 3, p. 73-98, 2006.
- HALL, N. C.; PERRY, R. P.; RUTHIG, J. C.; HLADKYJ, S.; CHIPPERFIELD, J. G. Primary and secondary control in achievement settings: a longitudinal field study of academic motivation, emotions and performance. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 36, n. 6, p. 1430-1470, 2006.
- HAMACHEK, D. E. Psychodynamics of normal and neurotic perfectionism. **Psychology**, n. 15, p. 27-33, 1978.
- HARDRÉ, P. L.; CROWSON, H. M.; DEBACKER, T. K.; WHITE, D. Predicting the academic motivation of rural high school students. **The Journal of Experimental Education**, v. 75, n. 4, p. 247-269, 2007.
- HARRIS, R. N.; SNYDER, C. R.; HIGGINS, R. L.; SCHRAG, J. L. Enhancing the prediction of self-handicapping. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 51, p. 1191- 1199, 1986.
- HAYCOCK, L.; McCARTHY, P.; SKAY, C. Procrastination in College Students: The role of self-efficacy and anxiety. **Journal of Counseling & Development**, v. 76, n. 3, p. 317-324, Summer 1998.
- HERMANS, H. J. M. **PMT. Prestatie motivatie test, hand-leiding**. Lisse, The Netherlands: Swets & Zeitlinger, 1976.
- HOLLENDER, M. H. Perfectionism. **Comprehensive Psychiatry**, n. 6, p. 94-103, 1965.
- HOOVER, E. Tomorrow, I love Ya! **The Chronicle of Higher Education**, v. 52, n. 16, p. A30, 2005.
- HORNER, M. S. Toward an Understanding of Achievement-Related conflict in Women. **Journal of Social Issues**, n. 2, v. 28, p. 157- 176, 1972.
- JOHN, O. P. The "Big Five" Factor Taxonomy: Dimensions of Personality in Natural Language and Questionnaires. In: L. A. PERVIN (Ed.). **Handbook of personality psychology: Theory and research**. New York: Guilford Press, 1990. p. 66-100.
- LAY, C.; EDWARDS, J. M.; PARKER, J. D.; ENDLER, N. S. An assessment of appraisal, anxiety, coping, and procrastination during an examination period. **European Journal of Personality**, n. 3, p. 195-208, 1989.
- McCRAE, R. R.; COSTA, P. T. Validation of the five-factor model of personality across instruments and observers. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 49, p. 710-721, 1987.
- MEYER, C. Academic procrastination and self-handicapping: gender differences in response to noncontingent feedback. **Journal of Social Behavior & Personality**, v. 15, n. 5, p. 87-102, special issue 2000.
- MILGRAM, N. A.; SROLOFF, B.; ROSENBAUM, M. The procrastination of everyday life. **Journal of Research in Personality**, v. 22, n. 2, p. 197-212, 1988.
- MORRIS, E.; SURBER, C.; BIJOU, S. Self-versus instructor-pacing: achievement, evaluations, and retention. **Journal of Educational Psychology**, n. 70, p. 224-230, 1978.
- MULIG, J. C. Relationship among fear of success, fear of failure and androgyny. **Psychology of Women Quarterly**, v. 9, n. 2, p. 284-287, 1985.
- NEWMAN, F.; BALL, S.; YOUNG, D.; SMITH, C.; PURTLE, R. Initial attitude differences among successful, and procrastinating, and "withdrawn from course" students in a personalized system of statistics instruction. **Journal for Research in Mathematics Education**, n. 5, p. 105-113, 1974.
- NICHOLLS, J. G.; LICHT, B. G.; PEARL, R. A. Some dangers of using personality questionnaires to study personality. **Psychological Bulletin**, n. 92, p. 572-580, 1982.

- OWENS, A.; NEWBEGIN, I. Academic procrastination of adolescents in english and mathematics: gender and personality variations. **Journal of Social Behavior & Personality**, v. 15, n. 5, p. 111-124, special issue 2000.
- PANG, J. S.; SCHULTHEISS, O. C. Assessing implicit motives in US College Students: Effects of picture type and position, gender and ethnicity, and cross-cultural comparisons. **Journal of Personality Assessment**, v. 85, n. 3, p. 280-294, 2005.
- PERRY, R. P.; HLADKYJ, S.; PEKRUN, R.; H.; PELLETIER, S.T. Academic control and action control in the achievement of college students: a longitudinal field study. **Journal of Educational Psychology**, n. 93, p. 776-789, 2001.
- PINTRICH, P. R.; SCHUNK, D. H. **Motivation in education: theory, research, and applications**. Eaglewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1996.
- POWERS, B. E. The relationships between locus of control and inner-other directedness of procrastinators and the perceived origin of their procrastination triggering cues. **Dissertation Abstracts Internationa**, n. 45, p. 3343, 1984.
- PYCHYL, T. A.; COPLAN, R. J.; REID, P. A. M. Parenting and procrastination: gender differences in the relations between procrastination, parenting style and self-worth in early adolescence. **Personality and Individual Differences**, v. 22, n. 12, p. 271-285, 2002.
- RATELLE, C. F.; GUAY, F.; LAROSE, S.; SENÉCAL, C. Family correlates of trajectories of academic motivation during a school transition: a semiparametric group-based approach. **Journal of Educational Psychology**, v. 96, n. 4, p. 743-754, 2004.
- ROIG, M.; DeTOMMASO, L. Are college cheating and plagiarism related to academic procrastination? **Psychological Reports**, v. 77, n. 2, p. 690-698, Oct. 1995.
- ROSATI, P. Procrastinators Prefer PSI. **ERM**, n. 22, p. 17-19, 1975.
- ROTHBAUM, F., WEISZ, J. R.; SNYDER, S. S. Changing the world and changing the self: a two-process model of perceived control. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 42, p. 5-37, 1982.
- ROTHBLUM, E. D. Fear of Failure: The psychodynamic, need achievement, fear of success, and procrastination models. In: LEITENBERG, H. (Ed.). **Handbook of social and evaluation anxiety**. New York: Plenum, 1990. p. 497-537.
- ROTHBLUM, E. D.; SOLOMON, L. J.; MUARKAMI, J. Affective, cognitive and behavioral differences between high and low procrastinators. **Journal of Counseling Psychology**, n. 33, p. 387-394, 1986.
- SÁNCHEZ, B.; COLÓN, Y.; ESPARZA, P. The role of sense of school belonging and gender in the academic adjustment of latino adolescents. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 34, n. 6, p. 619-628, 2005.
- SCHOUWENBURG, H. C. Academic Procrastination: Theoretical Notions, Measurements, and Research. In: FERRARI, J. R.; JOHNSON, J. L.; MCCOWN, W. G. (Ed.). **Procrastination and task avoidance: Theory, research, and treatment**. New York: Plenum Press, 1995. p. 71-96.
- SCHRAW, G.; OLAFSON, L.; WADKINS, T. Doing the things we do: a grounded theory of academic procrastination. **Journal of Educational Psychology**, v. 99, n. 1, p. 12-25, Feb. 2007.
- SMITH, T. W.; SNYDER, C. R.; HANDELSMANN, M. M. On the self-serving function of the academic wooden leg: Test anxiety as a self-handicapping strategy. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 42, p. 314-321, 1982.
- SMITH, T.W.; SNYDER, C. R.; PERKINS, S. C. The self-serving function of hypochondriacal complaints: Physical symptoms as self-handicapping strategies. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 44, p. 787- 797, 1983.
- SOLOMON, L. J.; ROTHBLUM, E. D. Academic procrastination: Frequency and cognitive behavioral correlates. **Journal of Counseling Psychology**, n. 31, p. 503-509, 1984.
- SOMMER, W. G. Procrastination and cramming: How Adept students ace the system. **Journal of American College Health**, n. 39, p. 5-10, 1990.
- TAYLOR, R. R. The personality and situational correlates of procrastination behavior for achievement tasks. **Dissertation Abstracts International**, n. 40, p. 1967, 1979.
- TUCKER, J. A.; VUCHINICH, R. E.; SOBELL, M. B. Alcohol consumption as a self-handicapping strategy. **Journal of Abnormal Psychology**, n. 90, p. 220-230, 1981.
- TULLIER, M. **The complete idiot's guide to overcoming procrastination**. Indianapolis, IN: Alpha Books, 2000.
- VACHA, E. F.; McBRIDE, M. J. Cramming: a barrier to student success, a way to beat the system, or an effective learning strategy? **College Student Journal**, n. 27, p. 2-11, 1993.
- WEBB, J. A.; MOORE, T.; RHATIGAN, D.; STEWART, C.; GETZ, J.; G. Gender differences in the mediated relationship between alcohol use and academic motivation among late adolescents. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 77, n. 3, p. 478-488, July 2007.
- WIGFIELD, A.; ECCLES, J. S.; PINTRICH, P. R. Development between the ages of 11 and 25. In: BERLINER, D. C.; CALFEE, R. C. (Ed.). **Handbook of educational psychology**. New York: MacMillian, 1996. p. 148- 185.
- WIGGINS, J. S.; TRAPNELL, P. D. Personality structure: the return of the big five. In: R. HOGAN, R.; JOHNSON, J.; BRIGGS, S. (Ed.). **Handbook of personality psychology**. San Diego, CA: Academic Press, 1997. p. 737-765.